
Prefácio

Nos dois últimos milênios constituiu-se no âmbito da sociedade e cultura ocidentais, ao lado do desenvolvimento do “conhecimento” sobre “Deus” um esforço de certos homens cultos no sentido de desenvolver o “conhecimento” sobre o “Homem”. Ao primeiro tema deu-se como resposta a constituição da Teologia; ao segundo coube forjar o que se chama de Filosofia. Na Filosofia foram criados vários ramos de saberes. Para todos esses saberes há um lugar de discussão e de formulação doutrinária. Disso derivam muitas correntes de ideias, que se desdobram em um tempo histórico cronológico. Porém, supõe-se daí que num dado tempo em todos os espaços locais, os indivíduos podem viver e experimentar circunstâncias distintas e isso pode motivar entendimentos específicos. Igualmente a cada tempo que se sucede, mesmo mantendo-se igual o espaço geográfico, o indivíduo não tem necessariamente mais o mesmo espaço social, econômico e político e, por isso, ele desenvolve novas concepções e constitui novas perspectivas sobre seu ser a agir.

É esse agir que reformula o ser ou, para melhor dizer, é a ação que cada indivíduo exerce por si só ou na condição de indivíduo coletivo (p. ex. um grupo profissional) que largamente vai refletir as escolhas humanas sociais. O processo que se dá como ação, ele próprio, carrega os ânimos que servem para demarcar as escolhas que orientam essas mesmas ações.

Porque faz as escolhas que orientam as suas ações, a humanidade coloca a si a necessidade de instituir critérios pelos quais possa realizar tais escolhas. Não pareceria ser racional ou ter cabimento no mundo da ação humana em sociedade serem as realizações que constituiriam o seu mundo existencial produto

do acaso, isto é, feitas sem uma noção de precedência, urgência, significado, enfim, importância. Nesse caso, parece sem controle e sem condições de promoção de bons resultados, as ações que são realizadas caoticamente, sem noção de precedência e sem determinação do que vale mais, vale razoavelmente ou não tem valor algum. É nisso que se funda o saber axiológico, como o saber da Filosofia voltado para o estudo dos valores. Mas saber como se constituem os valores ainda não é toda a resposta que o homem vem criando para compreender a necessidade das escolhas para a orientação de suas ações. A par de definir uma ordem ou sequência na produção de suas ações, o homem que age (num momento “x” de sua individualidade singular ou coletiva) como autor da ação sente a necessidade de formular uma orientação de como dar cabo de suas ações, tendo em vista o resultado que elas produzem para o homem que num momento “x” de sua individualidade singular ou coletiva é aquele que está no polo receptor da ação. Pensa-se aqui que há o homem que interage na decorrência de toda a ação, sendo num momento representado como o polo da ação para e o polo de ação de, constituindo esse homem o homem na alteridade, em que se confrontam, ou se põem frente a frente, duas individualidades singulares ou coletivas. Nesse momento, em que se trata da conduta ou caminhar do homem interagente, passa-se a constituir a noção de Ética como um saber da Filosofia que constitui o lugar de formulação do entendimento que vai servir para explicar e elucidar a qualidade da ação realizada, tendo por propósito dar suporte para que o homem possa deliberar sobre a escolha com plena consciência do que implica essa escolha feita. Há escolhas que implicam para o outro o melhor benefício humanamente desejável ou o contrário disso. Nesse âmbito, porém, ainda se está a falar de uma perspectiva não prática, sob uma dimensão racionalizadora abstrata.

Mas tudo isso adquire sentido empírico, prático, real, materialmente visível, na medida em que o homem incrementa sua ação. Uma forma de incrementar a ação é, por exemplo, executar uma tarefa de trabalho dirigida para uma clientela. Essa tarefa está carregada de valores, sustentada por um entendimento que qualifica o modo de realização da ação e podendo antever a consequência da ação sobre aquele que é seu receptor. Nesse momento, se estabelece a prática em si, isto é, se torna factual a conduta do homem que age como aquele que se dirige à sua clientela. A isto se denomina moral, saber e prática de um saber que reporta ao comportamento convencional, corriqueiro, habitual na interação que põe frente a frente o executor de uma tarefa profissional e seu cliente

ou usuário que continua a ser pessoa humana por suas estruturas mentais, com suas subjetividades dirigidas por necessidades, interesses e desejos concernentes ao que faz a sua humanidade.

É tendo em vista essa compreensão, que se traz para os profissionais de bibliotecas e serviços de informação a reunião de resultados de estudos sobre práticas de profissionais bibliotecários que se dão em bibliotecas e serviços de informação no Brasil. Tais estudos foram realizados a partir do espaço acadêmico da Ciência da Informação constituído na Universidade Federal de Santa Catarina, em particular na Linha de Pesquisa Profissionais da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação desta Instituição.

Nesse ambiente acadêmico, a partir da primeira década deste século vem-se buscando compreender distintas facetas que compõem o papel social profissional da informação, entendendo-se por essa categoria o conjunto de profissionais oriundos dos Cursos de Graduação em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, em um primeiro momento, mas também de egressos de outras áreas, especialmente pela admissão teórica e prática de que a organização e gestão da informação é ação que se desenrola em várias dimensões. Descontada essa consideração compreensiva, que demarca uma moral orientada por uma ética pragmatista, compreende-se também que esse Programa de Pós-Graduação tem em sua origem um Curso de Graduação em Biblioteconomia, criado no ano de 1973 e em pleno desenvolvimento. Portanto, nesse Programa se formula uma discussão em que ficam mais evidentes os estudos que buscam compreender quem são, pensam e o que pensam e representam sobre a sua conduta profissional os bibliotecários.

Assim, os trabalhos aqui reunidos enfocam os espaços em que atuam, como atuam e como poderiam atuar os profissionais bibliotecários em bibliotecas públicas, escolares, universitárias, empresariais e comunitárias. Como poderão notar as(os) leitoras(es), os capítulos foram construídos como resultantes de textos acadêmicos em que originalmente foram examinadas representações discursivas obtidas das manifestações verbais de bibliotecários ou das manifestações de outros agentes que produzem espaços de ação socialmente representados como bibliotecas e seus serviços. Trata-se por isso, de textos que expõem o esforço de sua autoria na busca de significados que estão subjacentes às sensações e intelectos dos proferentes daquelas manifestações discursivas. Por outro lado, é um livro composto pelo propósito de sua autoria em fomentar uma discussão mais ampla do tema ética na prática profissional realizada em biblio-

tecas e serviços de informação, que tem especificidade em relação à discussão da ética na informação. Cabe deixar isso claro! A ética que aqui se discute tem a ver com efeitos de condutas profissionais cujas causas decorrem das escolhas, conscientes ou não, que são feitas por todos os que atuam em bibliotecas e serviços de informação.

Francisco das Chagas de Souza

Sumário

MINICURRÍCULO DOS AUTORES	IX
APRESENTAÇÃO	
<i>José Augusto Chaves Guimarães</i>	XV
PREFÁCIO	
<i>Francisco das Chagas de Souza</i>	XXIII

Capítulo 1

ÉTICA PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIA:

A CODIFICAÇÃO DAS BOAS PRÁTICAS

<i>Francisco das Chagas de Souza</i>	1
1.1 Introdução	1
1.2 Boas Práticas Profissionais: Um Jeito de Afiramar a Codificação de Conduta	6
1.3 Conduta Profissional sob o Viés das Boas Práticas	13
1.4 Conduta Profissional do Bibliotecário e a Assimilação da Noção de Boas Práticas	18
1.5 Conclusão	23
1.6 Referências	24

Capítulo 2

REFLEXÕES EM TORNO DA ÉTICA NO EXERCÍCIO

PROFISSIONAL EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

<i>Francisca Rasche</i>	27
2.1 Introdução	27

2.2	O que é Ética?	28
2.3	As Profissões	30
2.4	A Ética Profissional	32
2.5	Reflexões sobre a Prática Ética em Bibliotecas Públicas ..	34
2.6	Considerações Finais	38
2.7	Referências	39

Capítulo 3

BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR EM SANTA CATARINA: ÉTICA E AGRUPAMENTO PROFISSIONAL

<i>Eliane Fioravante Garcez</i>	41
3.1 Introdução	41
3.2 Ética e Compromisso Social do Bibliotecário Escolar ...	45
3.3 O Bibliotecário Escolar em Santa Catarina	49
3.4 O GBAE/SC: Pensando sobre a sua Teia; a sua Realidade	51
3.5 O Processo de Realização do Estudo	54
3.6 Posturas e Atitudes do Bibliotecário: A Construção da Realidade do GBAE/SC	56
3.6.1 Modos de pensar/agir dos participantes das reuniões do GBAE/SC.....	57
3.6.2 Uma análise sobre o pensar/agir dos participantes do GBAE/SC.....	60
3.7 Motivações para o Agrupamento Profissional e Benefícios Potenciais.....	62
3.8 Considerações Finais	63
3.9 Referências.....	65
Anexo Único	
Síntese das Ações do Grupo em Oito Anos	67

Capítulo 4

QUEM SE IMPORTA? UMA PESQUISA SOBRE A ÉTICA DOS LÍDERES DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

<i>Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva</i>	73
4.1 Introdução	73
4.2 Esse Empreendedor Social, Líder de Biblioteca Comunitária	76

4.3	Pensamentos em Movimento: Narrativas sobre as Bibliotecas, Bibliotecas Públicas, Bibliotecários e sobre o Trabalho na Biblioteca Comunitária que Lidera	78
4.3.1	Sobre a biblioteca	79
4.3.2	Sobre a biblioteca pública	81
4.3.3	Sobre o bibliotecário	82
4.3.4	Sobre o trabalho na biblioteca comunitária que lidera	84
4.4	Sobre as Motivações e a Ética Expressa no Discurso dos Líderes de Bibliotecas Comunitárias	88
4.5	Conclusão	92
4.6	Referências	94

Capítulo 5

ÉTICA EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

<i>Rosângela Madella, Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira da Silva .</i>	97
5.1 Introdução	97
5.2 As Bibliotecas Comunitárias	99
5.3 Ética e Bibliotecas Comunitárias: Relações de Mútua Legitimação	105
5.4 Considerações Finais	109
5.5 Referências	111

Capítulo 6

UM OLHAR SOBRE A ÉTICA PROFISSIONAL EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

<i>Katiusa Stumpf</i>	115
6.1 Introdução	115
6.2 Caminho Percorrido e Recursos Empregados	119
6.3 O Discurso Final do Sujeito Coletivo	121
6.4 Um Olhar Interpretativo do Discurso Final do Sujeito Coletivo	124
6.4.1 Um olhar reflexivo sobre a ética ampla, de fundo pessoal	125

6.4.2	Um olhar reflexivo sobre a ética profissional bibliotecária aplicada e ambientada no meio universitário	129
6.4.3	Um olhar reflexivo sobre as representações de ética e suas ancoragens utilitaristas e deontológicas encontradas no DSC final	132
6.5	Considerações Finais	134
6.6	Referências.	136

Capítulo 7

UMA ÉTICA BIBLIOTECÁRIA POSSÍVEL NO AMBIENTE EMPRESARIAL

<i>Daniella Camara Pizarro</i>	137
7.1 Introdução	137
7.2 Informação, Conhecimentos e Tecnologias como Insumos Industriais	139
7.3 Ética e suas Abordagens Contemporâneas	143
7.4 Ética Profissional e Deontologia Bibliotecária	146
7.5 Prática, Postura e Implicações Éticas da Atuação do Bibliotecário no Ambiente Empresarial.	150
7.6 Considerações Finais	155
7.7 Referências	157